EIXO TEMÁTICO: 3 **Educação no campo: Marxismo, Trabalho e Formação Humana**

**A FORMAÇÃO DIFERENCIADA E DESIGUAL DE TRABALHADORES PARA O AGRONEGÓCIO: UMA ANÁLISE A PARTIR DE LOUIS ALTHUSSER.**

Victor Hugo Junqueira[[1]](#footnote-1)

**RESUMO**

O objetivo desse trabalho é discutir alguns elementos que caracterizam historicamente o processo de formação dos trabalhadores no capitalismo, a partir das contribuições de Louis Althusser sobre o papel da escola na reprodução da qualificação da força de trabalho para o agronegócio. Para tanto, a proposta curricular dos cursos de Gestão do Agronegócio da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e o curso Tecnológico em Agronegócio da Faculdade de Tecnologia (FATEC) vinculada ao o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, como forma evidenciar as estratégias para garantir qualificações diferenciadas que se articulam no processo produtivo, favorecendo a reprodução do capital na sua atual etapa de desenvolvimento no campo.

**Palavras – chave**: Louis Althusser, Trabalho, Agronegócio,

**Introdução**

O capitalismo move-se por processos de reestruturações produtivas como mecanismo de superar as suas próprias contradições e crises estruturais de acumulação e reprodução. Alves (2011) chama a atenção para o fato de que é da própria natureza histórico-ontológica do capital a sua capacidade e necessidade de revolucionar as condições de produção e as relações de trabalho.

No desenvolvimento histórico da produção capitalista, as alterações produtivas impactaram não apenas a organização do trabalho, mas na própria constituição do ser social e da sua vida em sociedade.

Kuenzer (2007) partindo da análise do texto *Americanismo e Fordismo* de Gramsci (1978) assinala ainda que a cada nova relação de produção e formas de organização trabalho são demandados, concebidos e veiculados novos modos de vida, comportamentos, atitudes, valores que contribuem para manter o trabalhador na sua alienação e, conjuntamente, atua para produzir um novo homem com atitudes e comportamentos adequados aos processos de valorização.

Neste processo a educação tem um papel central, não apenas com “processo mediante o qual as classes dominantes preparam na mentalidade e na conduta das crianças as condições fundamentais para a sua existência” (PONCE, 2007, p. 171), mas, também como meio de preparação dos trabalhadores para o processo de reprodução do capital.

Partindo dessa premissa, neste trabalho analisaremos alguns elementos que caracterizam historicamente o processo de formação dos trabalhadores no capitalismo, discutindo as contribuições de Louis Althusser sobre o papel da escola na reprodução da qualificação da força de trabalho, como foco na formação de trabalhadores para as atividades vinculadas ao agronegócio.

**A reprodução da qualificação da força de trabalho**

Louis Allthusser é uma referência importante para pensar o papel da escola no capitalismo. Sua análise sobre a dos aparelhos ideológicos de Estado (escolar, religioso, familiar, político, sindical, de informação, cultural, etc.) para a reprodução das relações de produção capitalista, são amplamente conhecidas e criticadas[[2]](#footnote-2). Todavia, outra contribuição de Althusser para pensar a relação trabalho e educação é o conceito de reprodução da qualificação da força de trabalho.

Na obra *Aparelhos Ideológicos de Estado* que constitui apenas uma parte da obra *Sobre a reprodução*, publicado em 1995 na França e em 1999 no Brasil *Sobre a reprodução*, Althusser identifica o papel da Escola como selecionadora de sujeitos para ocupar diferentes funções na divisão social e técnica do trabalho, constituindo assim, um eficiente instrumento tanto para a reprodução da qualificação da força de trabalho, como para a sujeição dos trabalhadores à ideologia dominante.

O autor chamava a atenção para que no processo de reprodução do capitalismo não bastava apenas garantir a reprodução da força de trabalho por meio das condições materiais (salário), mas era fundamental a reprodução da qualificação da força de trabalho. Nas palavras do autor:

Dissemos que a força de trabalho disponível deveria ser ‘competente’, isto é, apta a ser utilizada no sistema complexo do processo de produção: nos postos de trabalho e nas formas de cooperação definidas. O desenvolvimento das forças produtivas e o tipo de unidade historicamente constitutivo das forças produtivas em determinado momento produzem o seguinte resultado: a força de trabalho deve ser (diversamente) qualificada. Diversamente, segundo as exigências da divisão social-técnica do trabalho, em seus diferentes ‘postos’ e ‘empregos’(ALTHUSSER, 2008, p. 74).

Com efeito, para o autor a educação não cumpriria apenas a função de submeter os sujeitos a ideologia dominante, mas também, “preparar” os trabalhadores para ocupar diferentes postos na estrutura do capital, sejam eles nas tarefas de explorados, exploradores, ou ainda auxiliares de exploração ou difusores da ideologia dominante (Althusser, 2008).

Esta leitura marxista da realidade evidencia assim que a educação em nenhum momento se desvincula das relações sociais de produção e das consequentes transformações nas bases produtivas do capital em cada momento histórico.

É a partir desta concepção teórica analisaremos como o desenvolvimento do capital no campo, calcado na utilização cada vez mais intensa de ciência e tecnologia por quase todos os processos produtivos, demandaram uma maior diferenciação e hierarquização dos trabalhos, atribuindo a educação um papel necessário à qualificação diversificada e diferenciada de trabalhadores para atuarem em atividades do agronegócio.

**A formação dos trabalhadores para o agronegócio.**

Desde o início da década de 1990 a agricultura capitalista tem passado por um novo ciclo de expansão no campo brasileiro, impulsionado pelo processo de reestruturação produtiva do capital, financeirização e internacionalização das relações de produção, com o apoio do Estado.

Este novo ciclo de expansão do capital que se expressa ideologicamente pelo termo agronegócio, se por um lado contribuiu para consolidar a tendência de redução da demanda por força de trabalho no campo, por outro levou o setor a defender a necessidade da formação de um perfil profissional específico, para atuar nas diferentes etapas (produção, armazenamento, certificação de produtos, marketing e comercialização dos produtos) do ciclo de reprodução do capital no campo.

Para Kuenzer (2007) na atual etapa de mundialização e financeirização da economia mundial, organizada sobre as bases da acumulação flexível há uma necessidade cada vez mais acirrada por formações e especializações distintas para os diversos ramos produtivos, pois é necessário ao capital:

ter disponível para consumo, nas cadeias produtivas, força de trabalho com qualificações desiguais e diferenciadas que, combinadas em células, equipes, ou mesmo linhas, atendendo a diferentes formas de contratação, subcontratação e outros acordos precários, assegurem os níveis desejados de produtividade, por meio de processos de extração de mais-valia que combinam as dimensões relativas e absolutas (KUENZER, 2007, p. 1168).

Por isso, as empresas e associações ligadas ao agronegócio vêm apoiando pesquisas e defendendo a necessidade da formação de um perfil profissional específico para o agronegócio, o que contribuiu para a criação de novos cursos nas instituições superiores, que trazem em sua nomenclatura o termo agronegócio, associando-se as concepções e valores intrínsecos a esta ideologia.

Estes cursos que se apresentam em diferentes graus (bacharelado, tecnológicos e sequenciais) nas modalidades presenciais e a distância se somaram aos tradicionais cursos ligados as ciências agrárias: Agronomia, Engenharia Agrícola, Engenharia Agroindustrial, Engenharia de Alimentos, Engenharia Florestal, Medicina Veterinária e Zootecnia, que historicamente, estiveram predominantemente ligados à reprodução do capitalismo no campo.

De acordo com dados consultados[[3]](#footnote-3) na Plataforma E-mec[[4]](#footnote-4) atualmente existem 127 cursos em atividade no país, dos quais 5 são oferecido em nível de bacharelado e 122 são cursos tecnológicos e sequenciais.

Para exemplificarmos, como o agronegócio exige uma formação diferenciada para os trabalhadores analisamos a proposta pedagógica do curso de bacharelado em Gestão do Agronegócio da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e o curso Tecnológico em Agronegócio da Faculdade de Tecnologia (FATEC) vinculada ao o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, uma autarquia do Governo do Estado de São Paulo vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação.

**Bacharelado em Gestão do Agronegócio**

O curso de bacharelado em gestão do agronegócio da Unicamp[[5]](#footnote-5) apresenta carga horária de 3.000 horas e duração mínima de 8 semestres. Integram os cursos de gestão da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) ao lado dos cursos de Gestão de Comércio Internacional, Gestão de Empresas e Gestão de Políticas Públicas. Estes cursos apresentam uma estrutura curricular comum durante 6 semestres diferenciando-se apenas no 7º e 8º semestre.

Esta estrutura é composta por disciplinas do Núcleo Básico Geral Comum, do Núcleo Comum da Área de Gestão e diferenciam-se apenas no Núcleo de Formação Específica.

As disciplinas do Núcleo Básico Geral Comum objetivam a “formação humanística para criar um profissional capaz de lidar com as múltiplas e rápidas transformações da realidade, consciente do seu papel social e apto a intervir na sociedade para transformá-la de acordo com as necessidades do nosso tempo” (UNICAMP, 2012, p. 20).

As disciplinas do Núcleo Comum da área de gestão são disciplinas de formação profissional visando fornecer conceitos abordagens e ferramentas para a atuação profissional na área, em uma perspectiva interdisciplinar, solucionando as questões práticas relacionadas ao cotidiano da administração. Esta organização curricular atende as demandas das empresas, que conforme a pesquisa realizada por Batalha et. al (2005, p. 301) constatou que:

As empresas buscam um perfil profissional mais generalista, em que as habilidades pessoais e de comunicação adquirem importância em relação às habilidades técnicas e específicas. Além disso, verificou-se uma grande preocupação das empresas com relação aos conhecimentos e habilidades dos profissionais em Economia e Gestão, que possibilitam maior visão sistêmica do agronegócio, fazendo com que possam trabalhar analiticamente a partir de uma visão de todo o sistema agroindustrial, e não apenas com base em macrossegmentos isolados. Acredita-se que as empresas esperem que os profissionais utilizem-se de ferramentas gerenciais de maneira a compreender a dinâmica de funcionamento das cadeias agroindustriais, de maneira a torna-las mais eficientes e eficazes.

Apenas no 7º e 8º semestres os estudantes terão as disciplinas específicas e eletivas relacionadas ao agronegócio, ao desenvolvimento de projetos, estágio curricular e trabalho de conclusão de curso.

Com esta estrutura o curso bacharelado de gestão do agronegócio da Unicamp projeta a formação de um profissional com formação generalista, interdisciplinar e com uma visão totalizadora e flexível que “lhe permita atuar em diversas áreas das organizações, nos níveis estratégico, tático e operacional”. Além disso,

Deverá interagir de forma bem fundamentada, crítica, flexível e inovadora nos diferentes contextos organizacionais e sociais. Ser empreendedor, criativo e polivalente, com capacidade de interpretação do contexto histórico, político, social e econômico e de adaptação frente a este contexto. Para tal, deverá ser dotado de ferramentas analíticas para planejar, organizar, liderar e controlar as mais variadas organizações do setor industrial, comercial e de serviços, assim como atuar no âmbito do governo nas questões do agronegócio (UNICAMP, 2012, p. 23).

O projeto pedagógico do curso de bacharelado em Gestão do Agronegócio da Unicamp apresenta todos os elementos do “espírito toyotista” (ALVES, 2011) da formação para o trabalho. A polivalência, a flexibilidade e adaptação às transformações produtivas aparecem como palavras de ordem no contexto da reestruturação produtiva do capital. A base comum ao longo de 06 semestres e a formação específica apenas em dois explicita o caráter da qualificação polivalente para se adaptar as diferentes funções dentro das empresas, mas também, volatilidade do mercado de trabalho, no qual a manutenção em determinado posto está condicionado ao alcance de metas e resultados.

Não há dúvidas que este curso de bacharelado procura formar gestores para ocupar postos importantes na hierarquia funcional em organizações públicas e privadas, para isso, ao longo do curso devem desenvolver três grandes habilidades: técnicas, humanas e conceituais. As primeiras referem-se a “execução do trabalho e ao domínio do conhecimento específico importantes para os gerentes de primeira linha e para os trabalhadores operacionais”. As habilidades humanas são “necessárias para um bom relacionamento” e para atuar de maneira eficiente e eficaz como líderes. E as habilidades conceituais são importantes ao alto comando das organizações e empresas “são essas habilidades que mantêm a visão integrada da organização, influenciando diretamente no direcionamento futuro e na perspectiva de longo prazo que envolve a administração de empresas” (UNICAMP, 2012, p. 24 e 25).

A proposta pedagógica do curso da Unicamp é explícita, assim, na necessidade da formação de profissionais bem preparados com formação geral ampla, contextualizada e com capacidade de pensar, dirigir, planejar, coordenar e desenvolver projetos do agronegócio, em seus diferentes setores de produção. Entretanto, como vimos, são apenas 5 cursos existentes no país (4% dos cursos existentes), em universidades renomadas e com processos de seleção concorridos, explicitando uma das facetas de um mercado de trabalho seletivo e restrito para trabalhadores altamente qualificados. Em contraposição, amplia-se a oferta de cursos de formação mais rápida, como os cursos superiores tecnológicos que representam 94,5% dos cursos de agronegócio do país.

**O Curso Tecnológico de Agronegócio da FATEC.**

A proposta pedagógica do curso tecnológico de Agronegócio da FATEC possui carga horária de 2.880 horas/aula dividindo-se em 2.400 horas de atividades, mais 240 horas de Estágio Curricular e 160h de Trabalho de Graduação, correspondendo no mínimo a 06 semestres letivos.

De acordo com a proposta pedagógica o objetivo do curso é:

Formar profissionais com competências tanto em tecnologias de gestão, quanto de produtos e processos, visando o entendimento das principais questões relacionadas ao Agronegócio brasileiro e produzindo, como consequência, direta ou indireta, intervenção na multiplicidade de variáveis dos segmentos agroindustriais públicos ou privados. Além disso, por meio de permanente atualização e investigação tecnológica, pretende-se construir conhecimentos relevantes para a sociedade e igualmente contribuir com a discussão das políticas públicas e privadas relativas ao setor (SÃO PAULO, [s.d.], p. 2).

A proposta não deixa dúvidas que o objetivo do curso é a formação específica para um setor da produção, mas adaptável às mudanças do mercado por meio de permanente atualização.

Seguindo as características da produção flexível e atendendo aos desejos das empresas do agronegócio, o perfil profissional deste tecnólogo aponta para um sujeito com capacidade de *conhecer de tudo um pouco* para realizar múltiplas tarefas de execução, de acordo com a necessidade das empresas.

Para isso, entre as competências presentes na formação deste profissional no curso das Fatecs estão a:

Capacidade para executar intervenção direta ou indireta nos processos do Agronegócio, assim como, controlar e avaliar as múltiplas variáveis encontradas neste segmento produtivo. Aplicar tecnologias e conhecimentos sobre produção vegetal e animal; cadeias agroindustriais; planejamento estratégico; análise e controle de custos de produção; marketing; finanças; gestão da qualidade; políticas agrícolas nacionais e internacionais; organização empresarial; macro e microeconomia; planejamento e controle da produção; gestão de recursos humanos; empreendedorismo; legislação; análise de investimentos; logística; gestão ambiental; tecnologia da informação; administração de estoques; contabilidade; comércio internacional; procedimentos de exportação; políticas agrícolas e desenvolvimento de produtos (SÃO PAULO, [s. d.], p. 2).

Segundo a proposta este profissional deve possuir múltiplas competências, que vão da produção a comercialização dos produtos animais e vegetais, passando pelas etapas de defesa fitossanitária, armazenamento, certificação e marketing, ou seja, a polivalência para executar e aplicar as diferentes funções que podem ser exigidas no mercado de trabalho.

Para alcançar estas competências a matriz curricular do curso apresenta um conjunto de disciplinas que atendem a alguns requisitos do perfil profissional “ideal” das empresas do setor, que pode ser dividida em: competências pessoais e de relacionamento interpessoal; habilidades comunicativas inclusive em outros idiomas; competência gerencial, visão abrangente das cadeias de produção e do agronegócio; qualificações técnicas, sintonia com as especificidades do setor.

A análise da proposta pedagógica do curso explicita que a formação dos trabalhadores para atuar nas distintas áreas do agronegócio, se por um lado, representa um ganho de conhecimentos, por outro, não ultrapassa os limites para atuação técnica e de execução de diferentes trabalhos exigidos pelo setor.

**Considerações Finais**

A análise das propostas pedagógicas do curso de bacharelado em gestão do agronegócio da UNICAMP e do curso tecnológico em agronegócio da FATEC evidenciam os processos de diferenciação na formação dos trabalhadores, necessárias a atual fase de reprodução do capitalismo no campo.

Enquanto os reduzidos cursos de bacharelado objetivam a formação de dirigentes para as empresas ou órgãos públicos do agronegócio, com formação geral ampla, contextualizada e com capacidade de pensar, dirigir, planejar, coordenar e desenvolver projetos nos diferentes setores de produção. O curso tecnológico visa à preparação de profissionais que atuem individualmente ou em equipes na execução de múltiplas tarefas determinadas pelos altos comandos das organizações, ou ainda, que por sua atuação em determinado setor visualizem mudanças que ampliem a competitividade dos negócios capitalistas.

De modo geral, os elementos presentes na proposta pedagógica do curso tecnológico da Fatec apontam para a formação de um trabalhador multitarefa, que neste caso,

significa a capacidade de adaptar-se a múltiplas situações complexas e diferenciadas, que demandam o desenvolvimento de competências cognitivas mais sofisticadas que permitam a solução de problemas com rapidez, originalidade e confiabilidade. Para tanto, há que assegurar formação avançada, que articule as dimensões geral e específica (KUENZER, 2008, p. 495).

A expansão dos cursos direcionados ao agronegócio se apresenta, portanto, como uma importante estratégia para a reprodução da qualificação da força de trabalho pelo capital no campo, que no seu processo de reestruturação produtiva, passa a exigir novas funcionalidades dos trabalhadores, com qualificações diferenciadas e com competências multifuncionais e para se inserirem em distintos setores e momentos da produção, mas que se articulem verticalmente no interior das empresas garantindo o processo de valorização do capital.

**Referências**

ALTHUSSER, L. **Sobre a reprodução**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

ALVES, G. **Trabalho e subjetividade**: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Boitempo editorial, 2011. 168 p.

BATALHA, M. O. et. al. **Recursos humanos e agronegócio**: a evolução do perfil profissional. Jaboticabal: Editora Novos Talentos, 2005.

CASSIN, M. **Louis Althusser e o papel político/ideológico da escola**. 2002.154 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

KUENZER, A. Z. Da dualidade assumida à dualidade negada: o discurso da flexibilização justifica a inclusão excludente. **Educ. Soc**., Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1153-1178, out. 2007. Disponível em:<http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 14 de maio de 2013.

PONCE, A. **Educação e luta de classes**. 22ª edição. São Paulo: Cortez, 2007.

SÃO PAULO. Centro Paula Souza. **Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Agronegócio**, [s.d.]. 23 p. Disponível em: <http://fatecitapetininga.edu.br/wp-zontent/uploads/2012/04/PROJETO\_PEDAGOGICO\_AGRONEGOCIO\_ATUAL.pdf>Acesso em: 10 de dezembro de 2013.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP. **Projeto Pedagógico do Curso de Gestão do Agronegócio**. Faculdade de Ciências Aplicadas – FCA. 2012. 96 p. Disponível em: <http://www.fca.unicamp.br/documents/fca-ppc-agronegocio.pdf>. Acesso em: 05 de novembro de 2013.

1. Doutorando em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Membro do GEPEC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação do Campo) da UFSCar. E-mail: victorhugo\_geo@yahoo.com.br [↑](#footnote-ref-1)
2. Uma análise mais aprofundada do pensamento de Althusser, pode ser encontrada em Cassin (2002). [↑](#footnote-ref-2)
3. Os dados foram consultados entre os dias 30 de novembro e 01 de dezembro de 2013. [↑](#footnote-ref-3)
4. Plataforma e-MEC do Ministério da Educação é um sistema eletrônico que permite o acompanhamento dos processos que regulam a educação superior no Brasil. Na plataforma é permitido a consulta de informações tanto por Instituições de Ensino Superior , bem como por cursos. Disponível em: http://emec.mec.gov.br/. [↑](#footnote-ref-4)
5. As informações sobre o Curso de Bacharel em Gestão do Agronegócio da Unicamp foram obtidas no Projeto Pedagógico do curso. [↑](#footnote-ref-5)